

Reportagem Especial

PROSTITUIÇÃO

Garotas são aliciadas na balada

Ex-aliciador de mulheres revela como funciona o mundo da prostituição de luxo e diz que a maioria delas é universitária

Michelli Possmozer

Lugar feito para dançar, uma boate atrai homens e mulheres que querem fazer amigos, paquerar, beber e descontrair. Mas também vai à balada quem trata o sexo como negócio em busca de mulheres para alimentar o mercado da prostituição de luxo.

A informação foi revelada por um estudante de 30 anos, que durante cinco anos frequentou boates com o objetivo de convencer jovens de classe média a venderem o corpo em troca de dinheiro.

O contato com o ex-aliciador foi possível por meio de uma fonte da reportagem de **A Tribuna**. Tendo nas mãos um gravador, a repórter foi à casa de um amigo dele, em Vitória, onde realizou a entrevista.

Na condição de não ter o nome, nem o bairro onde mora divulgados, o ex-aliciador contou que trabalhava como olheiro para uma cafetina influente no Estado cuja cartela de clientes é formada por empresários, médicos e até juizes.

Apesar de não trabalhar mais como aliciador de mulheres, o estudante garante que o esquema não mudou. Ele ainda tem contato com a cafetina e com algumas garotas de programa que o mantêm atualizado sobre o mercado do sexo. Inclusive, se alguma amiga que sabe do seu passado demonstra interesse em virar prostituta, ele não se recusa a indicá-la.

“Passo o telefone, só que não ganho mais dinheiro com isso. Não quero mais essa vida”, salientou.

A TRIBUNA – Como conheceu esse mundo?

EX-ALICIADOR – Através de uma mulher que, no início, eu nem sabia que era cafetina. Tinha

meus 16 para 17 anos. Estava com uma amiga voltando de um rock e encontramos com ela na rua com uma garrafa de uísque.

Numa brincadeira, começamos a conversar, ela acabou gostando da gente e passou o número do telefone dela. Fizemos amizade e, logo depois, fomos até a casa da cafetina. Nesse dia, ela fez a proposta e começamos a trabalhar para ela.

> Trabalhar de que forma?

Primeiro, eu comecei como garoto de programa. Essa cafetina não trabalhava com homem, mas ela tinha parceria com outros cafetões e me passou para um deles. A proposta pra mim foi de R\$ 500,00 por semana e, para a minha amiga, foi de R\$ 900,00 semanais. Mas eu não fiquei muito tempo como garoto de programa.

> Por quê?

Comecei para ficar com mulheres, mas não deu certo. Sempre fui bonitinho, mas magrinho. Então, começaram a me colocar para ficar com gays, mas eu não estava dando lucro porque o homossexual prefere o cara patola, malhado de academia. Aí, como eu tinha cara de menininho, apostaram para eu ficar com velho. Mas o café-tão começou a me mandar pro interior, nessas fazendas, pra ficar com os coroas e eu não curti muito. Aí, caí fora e entrei na agência da cafetina como caça-talento.

> Por que caça-talentos?

Na verdade, era olheiro e identificava mulheres com perfil para serem acompanhantes de luxo. E, na época, a cafetina disse que eu era um garoto descolado, fácil de fazer amizades. Quando eu via que a menina tinha o perfil, fazia amizade, trocava telefone e, depois de certa liberdade, convidava a menina para fazer o programa. Ganhava R\$ 200,00 por cada uma aliciada.

> Onde buscava as mulheres?

Nas boates, em geral, que é onde vai a maioria dessas patricinhas. E busca mais em balada, quando a pessoa está mais descontraída. E também rola por indicação. Tipo, eu sou garoto de programa, minha amiga ficou sa-



“A maioria das prostitutas de luxo é patricinha ou universitária. Elas não fazem por necessidade, mas, sim, por luxúria”

bendo. Se eu começo a ver no olhar dela a curiosidade, de querer saber demais, jogo a pergunta “você teria coragem?”. Algumas foram assim, mas eu ia mais pra balada.

> Aliciou muitas meninas?

Muitas que estão nessa vida até hoje entraram por causa de mim. Quantas, eu não lembro. Por semana, eu conseguia umas três meninas, mas não tinha o controle das que ficavam, porque ficava dependia delas. Eu apresentava as garotas, se a cafetina gostasse do perfil, ficava com elas. Eu sempre mandava a foto antes, só que a menina podia ser fotogênica, mas tímida, aí, não rola. Coloquei até duas namoradas minhas no ramo.

> Como foi essa história?

Namorei uma menina que era recepcionista de restaurante e ganhava menos de R\$ 500,00 por mês. Ela vivia triste, eu até ajudava na casa dela, levando umas compras. Ela tinha uns 18 e eu 19 anos. Aí, um dia eu perguntei “amor, você sabe que eu já fui garoto de programa, você toparia trabalhar nisso? Você está passando necessidade, desculpa falar isso, mas é que eu já fiz e é um trabalho normal”.

> E o que ela disse?

Eu até me assustei porque ela me abraçou e falou “jura, amor? Você deixa mesmo?”. Na hora, eu fiquei chocada. Para mim, ela iria brigar, falar “você está me confundindo”, algo do tipo porque ela tinha um estilo roqueira e não patricinha. Fiquei com medo, mas coloquei a melhor roupa nela e

apresentei minha ex pra cafetina.

> O namoro continuou?

A gente namorou um ano antes de ela virar garota de programa e mais três meses. Depois, ela me largou. E me largou porque a ganância fez a cabeça dela. E também porque ela virou bissexual, mas eu já até esperava por isso.

> Por quê?

No meio dos programas, o homem vira objeto de dinheiro para a mulher. A maioria das prostitutas que conheço tem namoradas em vez de namorados. Elas ficam enojadas de como o homem se preza a pagar todo aquele dinheiro por uma noite. Aí, elas acabam desacreditando do sexo masculino e no amor. É como se o órgão genital masculino fosse dinheiro, não tem nada de amor e carinho.

> E a outra namorada?

A outra era mais uma ficante, que já era bissexual.

> Como identificava o perfil nas mulheres?

Como o meio social dessa cafetina que trabalhei era da alta sociedade, a garota tinha que ser de classe média e bonita, por isso a seleção começava nas boates e até hoje é assim. E, na amizade, a pessoa já

“Quando eu via que a menina tinha o perfil, eu fazia amizade, trocava telefone e convidava a menina para fazer o programa”

solta um pouquinho de interesse financeiro, aquela luxúria toda.

> Se elas já são de classe média, por que fazem programa?

É fato que a maioria das prostitutas de luxo é patricinha ou universitária. Elas não fazem programa por necessidade, mas, sim, por luxúria. Todas que conheci tinham um meio familiar bom e uma situação financeira estável.

Mas elas queriam fazer programa pelo status de estar na melhor balada, na melhor micareta, de comprar roupas de grife, ter o cabelo sempre bonito.

> As drogas estão no mundo da prostituição de luxo?

O pó, sim. Porque a maioria dos clientes cheira muito cocaína. Então, a gente acaba cheirando até mesmo para se soltar. Sou um cara todo brincalhão, mas quando a gente ia pra uma festa e fazia um swing, a gente tinha que beber e cheirar para ter coragem.

Mas eu e uma amiga, a gente era meio malicioso e, em vez de cheirar, assoprava só para o cliente ficar doído, porque a gente não queria fazer sexo. Só queríamos que o dinheiro chegasse na mão da cafetina, para ela dividir com a gente.



COCAÍNA é consumida em grande escala no mundo da prostituição

Reportagem Especial

PROSTITUIÇÃO

“A vida estragou muitas mulheres”

Arrependido, um estudante de 30 anos – que durante cinco anos aliciou mulheres para a prostituição, em Vitória – admitiu que muitas garotas de programa se deram mal após entrar para o mercado do sexo.

A TRIBUNA – Está arrependido de ter feito parte do mundo do programa sexual?

EX-ALICIADOR – Não me arrependo de ter feito programa, mas, sim, de ter colocado algumas pessoas nesse mundo, pois a vida estragou muitas dessas mulheres. Só que eu era influenciado pelo meio que eu convivia. Eu achava normal e até bonito. Hoje, eu não acho.

Não precisei virar evangélico para acordar, mas percebi que no mundo do programa você é sozinho. Ali, você não tem mãe, pai e irmãos perto, só pessoas estranhas. Não voltaria e hoje não coloco mais ninguém por dinheiro.

> Como era o seu convívio social nessa época?

Nesse meio, a gente acaba achando que todo mundo ali é amigo. E como eu estava no meio da prostituição, só andava com garotas de programa e cafetinas. E ali mesmo conhecia traficantes, cheirava muito, usava muita droga.

> Como fazia para convencer as jovens?

Depois de fazer amizade, eu perguntava: “Transa na primeira noite?”. Se ela respondia que sim, eu continuava: “E o cara faz o que depois?”. No geral, a resposta era “nunca mais me liga”. Ai, eu falava: “Começa a cobrar!”. Nesse tom, eu convencia as meninas.

“Só andava com garotas de programa e cafetinas. Ali, conhecia traficantes, cheirava muito, usava muita droga”

Hoje, a mulher perdeu um pouco o valor. Muitas mulheres bonitas e estudadas que eu conheço vão direto para essas boates para se submeter a ficar com o cara só porque ele é bonito e tem um carro.

Aí, ela entra no carro dele, fala que não quer ir pro motel, mas dentro do carro ela transa. No outro dia, ela vai na boate de novo, mas, aí, já transa com o amigo dele. E assim vai levando fama de galinha. Então, eu pegava essas meninas que já estavam levando fama e falava: “Se vende, minha filha, se valoriza, começa a cobrar”.

> Qual a diferença?

A diferença é que as prostitutas que ficam em Jardim Camburi ou nas casas de prostituição em bairros da Serra e centro de Vitória fazem programa por necessidade, pois você chega lá e vê que a vida delas é sofrida. Muitas falam que estão ali porque são viciadas. Já essas de luxo, a maioria é universitária,

de família boa. É como a vida da Bruna surfistinha, que tinha um patamar legal, mas tinha aquela revolta da adolescência e acabou indo por esse caminho. Eu aproveitava essa revolta dessas adolescentes e tentava convencer, mostrando que se prostituir é um trabalho normal.

> Esse discurso convencia?

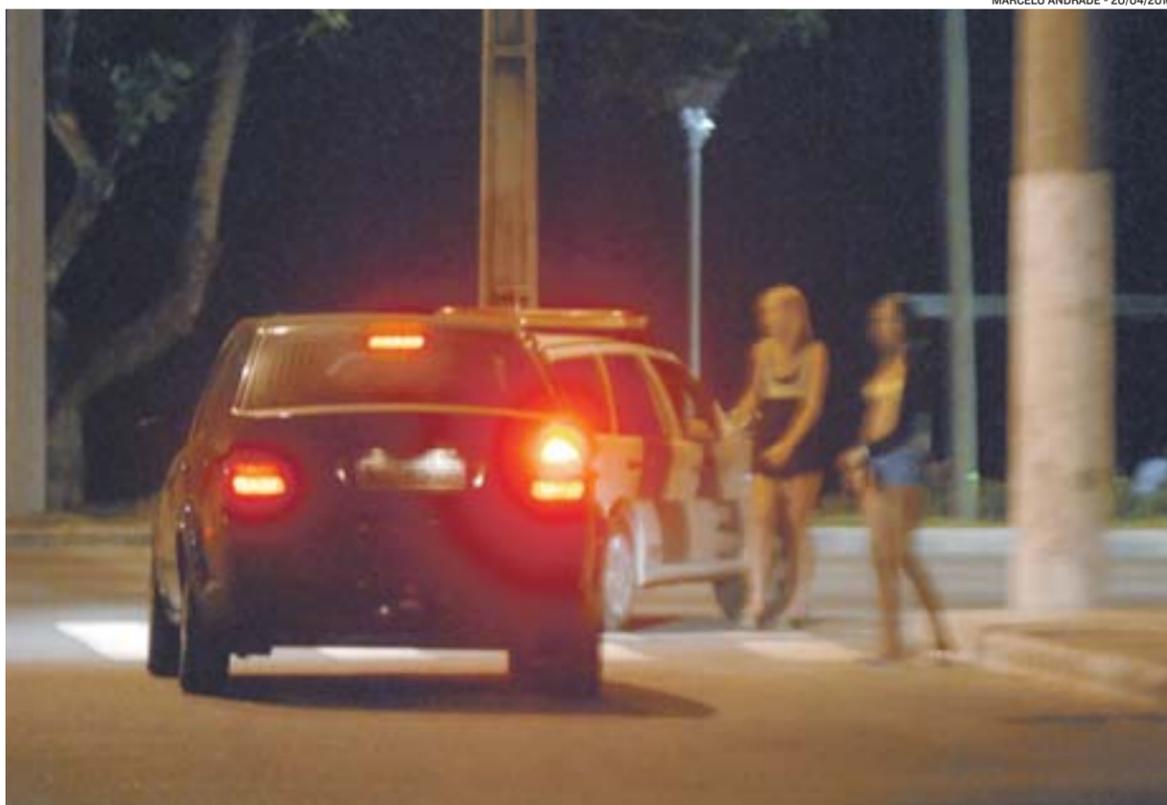
Claro! Uma ou outra falava “mas eu tenho medo de ficar com homem velho”. Só que eu dizia “é homem velho lá de cima, não é qualquer um”. E falava isso com razão, pois os caras são ricos mesmo.

> Qual a faixa etária dessas mulheres?

Na época, as cafetinas ou cafetões preferiam homens ou mulheres até 18 anos, porque esses caras ficam mais excitados com garotinhos e garotinhas.

Mas hoje, essa faixa etária mudou um pouco porque a maioria das garotas de programa, pelo menos as de luxo, são universitárias.

Atualmente, a faixa etária do garoto de programa é até 25, 30 anos. Já a das mulheres agenciadas é en-



PROSTITUTAS na praia de Camburi, onde, segundo ex-agenciador, as garotas têm vida mais sofrida e são viciadas

tre 18 e 22 anos, ou, ao menos, ela tem que parecer ser mais nova.

> O recrutamento das adolescentes era feito nas boates?

Não. O contato com as meninas novinhas era comigo. Tipo, eu também ia muito na Praça dos Namorados para conhecer essas me-

ninas, fazer amizade. Como eu era roqueiro, na época, eu conhecia todo mundo, então, isso também ajudava. Se eu via que a menina era bonita, tinha um corpão e o perfil, tentava convencê-la.

> Como a cafetina escolhia as mulheres?

Ela levava para a cafetina fotos das meninas e, se ela dizia “gostei dessa”, eu levava até ela. Depois, a cafetina fazia uma entrevista com a jovem para ver se ela iria ser capaz de se prostituir. Já a negociação do programa e como seria dividido o dinheiro era com a cafetina. Mas, no geral, ela prometia, no mínimo, R\$ 900,00 semanais.

> Até hoje funciona assim, ou o esquema mudou?

Sim. De forma geral, em todo esquema de agenciamento de mulheres para o sexo tem a cafetina e o olheiro. Não necessariamente precisa de um olheiro, mas grandes agenciadores, como essa cafetina para quem eu trabalhei, precisam de olheiros. Na época, essa cafetina tinha mais de 60 mulheres, para atender à clientela. Não é só em Vitória, mas no Estado inteiro. E até hoje é assim. Ela tem até clientes estrangeiros que, quando vêm ao Brasil, ficam com mulheres que ela agencia.

> Além de estrangeiros, quem são os clientes dessa cafetina?

No meio social dessa cafetina há muita gente importante, de gabarito alto na sociedade. A maioria dos clientes é de famílias ricas tradicionais, donos de grandes empresas. Não sei como ela conheceu essas pessoas. Mas são donos de motéis, promotores, médicos, donos de boates, grandes empresários e até juizes.

> Como é o atendimento no interior do Estado?

Tipo, quando há festas em fazendas, os grandes fazendeiros e donos de indústrias contratam garotas de programa para passar o fi-

“Imagina, eu cafetão, só conheço juiz, promotor, que são meus clientes. Acha que vou correr o risco de ser preso?”

nal de semana lá. Tinha fazendeiro que pedia cinco meninas, aí a cafetina negociava um pacote, que variava entre R\$ 5 mil e R\$ 10 mil.

> O que o agenciador faz para não ser preso?

Não faz. Porque, nesse meio, tudo é muito sigiloso. A pessoa vive só no meio da alta sociedade, e todo mundo sabe que Justiça no Brasil só funciona para pobre. Imagina, eu, cafetão, só conheço juiz, promotor, que são meus clientes. Você acha que eu vou correr o risco de ser preso? E fora os grandes empresários. Envolve muita gente.

> Em quantas agências já trabalhou?

Cinco. Duas foram casas de prostituição, onde eu mesmo era o sócio. Ai, o esquema é diferente de agência, pois rola violência, já que qualquer tipo de pessoa pode aparecer. E trabalhei pra dois cafetões grandes – que eram como duas agências –, sendo que um era de luxo e outro era para boate que o nível dos clientes não era tão alto.

O último lugar que eu trabalhei foi numa sauna, como garoto de programa, no centro de Vitória. Depois, eu saí dessa vida, mas ainda indiquei umas meninas para a cafetina que trabalhei.

> Até hoje você faz esse trabalho de aliciar?

Não é que eu trabalho para cafetina até hoje. Mas se a pessoa quiser, eu passo, porque eu tenho o telefone da cafetina até hoje. Mas eu não ganho nada com isso.

> Mas hoje você ainda tem os contatos dos cafetões?

Eu tenho contato só com essa cafetina. Depois que eu entrei nesse curso técnico que estou fazendo indiquei duas, uma ficou e a outra não. Essa não ficou, pois não gosta de transar com a luz acesa. Eu disse a ela: “Minha filha, ali você é um produto, tem que ser atriz”. Ela fez uns dois programas e não ficou.

Mercado do sexo Como mulheres são aliciadas



CRIME: A exploração da prostituição e atrair pessoas para fazer programas é crime e resulta em pena de até cinco de prisão.

“A maioria dos clientes é de famílias ricas tradicionais. São donos de motéis, promotores, médicos e até juizes”

Reportagem Especial

PROSTITUIÇÃO

“Já fui estuprada e assaltada”

Garota de programa de 26 anos, que atende no apartamento dela, em Jardim Camburi, destaca os riscos do mercado do sexo

A mulher que quiser se submeter a trabalhar no mercado do sexo precisa estar ciente dos riscos, segundo uma garota de programa de 26 anos.

Ela – que pediu para não ter o nome divulgado por segurança – contou que hoje atende os clientes no seu apartamento, em Jardim Camburi, Vitória, mas ressaltou que entrou no mundo da prostituição agenciada por uma cafetina.

Apesar de não pensar em deixar de ser garota de programa, ela admitiu que passou por situações traumatizantes. “Nessa vida, já fui estuprada e até assaltada”, disse.

A TRIBUNA – Por que entrou na prostituição?

GAROTA DE PROGRAMA – Fui indicada por uma amiga de uma cafetina. Entrei porque quis, não por necessidade, pois nunca me faltou nada. Geralmente é assim, por indicação, ou homens que oferecem o emprego pela cafetina. Mas ela não aparece. A cafetina é a que mais quer ficar na encolha.

> Por quê?

Porque elas têm muito medo de

serem presas. Mas, eu não vou mentir, toda menina quando entra nessa vida quer ser cafetina. Eu mesma já fui por uma semana, mas desisti porque fiquei com medo de cair nas mãos da polícia.

> Já correu riscos?

Vixi, um monte! Eu e várias colegas de trabalho. Nessa vida, já fui estuprada e até assaltada.

> Como foi o estupro?

Foi em 2005. Eu era iniciante e um playboy combinou um programa por telefone e me levou para uma praia deserta, disse que não iria pagar e fez e aconteceu comigo. Mas eu dei sorte que foi só um, pois colegas minhas já foram estupradas por um grupo de homens.

> E o assalto?

Já no meu apartamento, fui assaltada duas vezes. Na primeira vez, há três anos, um cara marcou por telefone, chegou com um revólver e me assaltou. A outra ocasião foi há três meses, do mesmo jeito.

> Não tem medo?

Eu tenho medo, mas quem está na chuva é pra se molhar.

> E clientes que usam drogas?

Olha, clientes que usam drogas, tem muito. Mas nenhum deles chegou a me agredir.

> Pensa em sair dessa vida?

Programa é o que eu sei fazer, não penso em sair. Mas é uma vida de riscos. Até pegar táxi é perigoso, pois há muito taxista que não respeita prostituta e abusa, xinga, esculacha e não paga o programa.

“Fui indicada por uma amiga de uma cafetina. Entrei porque quis. Geralmente é assim, por indicação ou homens que oferecem o emprego pela cafetina”



GAROTA de programa diz que não pensa em sair da vida: “É o que sei fazer”

Garota de programa já mudou de nome 23 vezes

O nome que a garota de programa vai escolher para representá-la como profissional do sexo pode mudar várias vezes.

Uma prostituta de 26 anos – que pediu para não ter o nome atual de trabalho divulgado – revelou que já trocou de identidade 23 vezes nos oito anos que atua no mundo da prostituição.

Ela mantém o nome atual há três anos, porque acredita ter acertado em um nome que combinou com a sua personalidade. “É um nome de presença, que tem uma personalidade forte e combina comigo. Penso que o cliente vai chegar e, de cara, sentir quem sou”.

Segundo ela, a escolha do nome também varia de acordo com clientes que a prostituta pretende atender. “Uso esse nome para os meus clientes fixos, pois eles sabem quem eu sou e, se gostou, vai voltar”, explicou.

No entanto, ela também utiliza outro nome para anunciar o programa para pessoas desconhecidas. “Revezo os nomes porque tem cliente que é exigente e se ver que eu estou lá no site, por exemplo, vai me desvalorizar”.

Já uma outra garota de programa, de 22 anos, disse que não contabilizou quantos nomes já teve, mas explicou que tem o costume de trocar a identidade profissional no mercado do sexo para passar a ideia de novidade. “Vejo um nome que é menos utilizado e que pareça comigo. Não sei dizer quantos nomes já tive, mas penso que a troca ajuda a chamar mais clientes, pois o diferente dá mais curiosidade”.

Além de variar o nome, uma garota de programa de 22 anos costuma mentir para alguns clientes a verdadeira idade. “Se vejo que o cara gosta mais de novinha, falo que tenho 19, ou até menos”.

Crime difícil de combater, diz delegada

Apesar de haver denúncias sobre a existência de casas de prostituição, a exploração sexual é difícil de ser combatida, pois a própria sociedade contribui para esse tipo de crime, segundo a chefe de gabinete da Polícia Civil, delegada Lana Lages.

“É complicado combater a prostituição, porque se tem quem vende, é porque tem quem compra. Geralmente, quando se consegue um mandado de busca e apreensão, o que se encontra no apartamento é um casal e nenhum dos dois admite que esteja se prostituindo.”

De acordo com a delegada, quem investiga esse tipo de crime é a Delegacia de Costumes e Diversões (Decodi), que recebe denúncias na própria delegacia e via Disque-Denúncia 181.

No entanto, quando há confirmação da denúncia, a delegacia solicita apoio à Superintendência de Polícia Especializada que disponibiliza um efetivo maior para viabilizar a operação.

Foi o que aconteceu em fevereiro deste ano, quando foi realizada

uma operação integrada entre Polícia Militar, Polícia Civil, Corpo de Bombeiros e a Prefeitura de Vitória, para fechar alguns estabelecimentos que estavam ilegais. Entre eles, havia casas e hotéis no centro de Vitória que favoreciam a prostituição.

Ainda de acordo com Lages, é

mais comum haver denúncias sobre prostituição em apartamentos. “Como são ambientes residenciais, a sociedade se sente mais incomodada e denuncia mais. Já em boates é mais difícil porque além de não incomodar, todo comerciante afirma que a casa noturna é para fim de diversão”.

RODRIGO GAVINI - 22/02/2013



POLICIAIS em blitz no centro de Vitória para combater a prostituição

ANÁLISE

Adriano Pereira Jardim

Professor universitário e Doutor em Psicologia



“Ocorre uma afirmação social”

“Do ponto de vista psicológico, ocorre no mercado do sexo uma afirmação social, tanto pela renda, que é significativa, quanto pelo fato de ser objeto de desejo pelos clientes.

Ao mesmo tempo em que há uma desvalorização em ser profissional do sexo, pelo sentido da moral, há certa valorização na cabeça de quem pratica a atividade, já que chama a atenção do sexo oposto.

Já quem trabalha aliciando e gerenciando pessoas para a prostituição anestesia a atividade criminosa, pois acredita que fornece às duas pontas o que é de interesse delas, ou seja, o consumidor que quer ter prazer e o outro que quer vender o próprio corpo, como se fosse uma relação comercial qualquer.”

O QUE DIZ A LEI

Pena de até cinco anos

Não é crime se prostituir, segundo a legislação, no entanto, é ilegal explorar a prostituição.

De acordo com a delegada Lana Lages, o olheiro – que convida a pessoa a se prostituir – e o cafetão – que gerencia casas de prostituição ou garotas de programa – podem ser enquadrados nos artigos:

> ART. 228: Induzir ou atrair alguém à prostituição ou outra forma de exploração sexual. Além de facilitá-la, impedir ou dificultar que alguém a abandone.

> PENA: de dois a cinco anos de prisão e pagamento de multa.

> ART. 229: Manter, por conta própria ou de terceiro, estabelecimento em que ocorra exploração sexual, haja, ou não, intuito de lucro ou mediação direta do proprietário ou gerente.

> PENA: de dois a cinco anos de reclusão e multa.

Fonte: chefe de gabinete da Polícia Civil, delegada Lana Lages